

A Gênese do projeto SOFTEX 2000

J. F. Marinho de Araújo¹

Instituto Tércio Pacitti - NCE
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Rio de Janeiro - Brasil
fmarinho@nce.ufrj.br

Sumário - Esse artigo descreve o esforço da indústria brasileira de software para exportar seus produtos. As empresas reunidas em sua associação da categoria, a ASSESPRO – Associação das Empresas Brasileiras de Software e Serviços de Informática, motivadas pela competição com as empresas estrangeiras no mercado interno, se organizaram para difundir internacionalmente seus produtos participando de grandes eventos de informática. O primeiro desses eventos foi a feira COMDEX/Fall 90 em Las Vegas - EUA. No Brasil esse trabalho coincidiu com discussões da importância do software em um grande centro estatal de desenvolvimento de software para o setor de telecomunicações, o CPqD - Centro de Pesquisas da TELEBRAS. Esses eventos culminaram com o envolvimento do governo brasileiro para apoiar as companhias em seus esforços para exportar seus produtos, e da criação do projeto SOFTEX 2000.

Abstract—This article describes the efforts of the Brazilian Software industry to export its products. The companies reunited in its category's association, the ASSESPRO – Association of the Brazilian Companies of Software and Services, motivated by the competition with foreign enterprises in the home market, got organized to spread internationally its products, participating in major computing events. The first one of them, was COMDEX/Fall 90 in Las Vegas - USA. In Brazil this work occurred at the same time as discussions about the importance of software in a major government center for developing of software for the telecommunications sector: the CPqD, TELEBRAS' research center. These events culminated in the involvement of the Brazilian government to support the companies in its efforts to export its products, and the creation of the SOFTEX 2000 project.

Keywords - SOFTEX, ASSESPRO, software, exportação.

I. INTRODUÇÃO

Em novembro de 1990, o Brasil participou pela primeira vez da COMDEX/Fall'90, em Las Vegas, USA. A COMDEX era à época a maior feira de informática do mundo. Nesse ano, seu guia de expositores, com mais de 700 páginas e a mensagem pessoal do presidente Bush aos visitantes, dá uma idéia da sua importância nos cenários norte-americano e mundial da informática. A feira atraía milhares de empresas, desenvolvedores e profissionais interessados nas novidades da indústria de informática. A iniciativa dessa participação brasileira se deveu a ASSESPRO - Associação das Empresas Brasileiras de Software e Serviços de Informática, entidade que naquele ano reunia mais de 500 empresas brasileiras da área incluindo: “software houses”, empresas de processamento de

dados, empresas de consultoria e de treinamento, espalhadas pelas 14 regionais da entidade em todo o país, na qual eu ocupava a Diretoria de Software, que ficou responsável pela atividade.

II. O PROJETO SOFTEX 2000

A. Motivação

As empresas brasileiras de software concorriam no mercado brasileiro, com as empresas internacionais de software, sem qualquer tipo de proteção ou preferência. Diante dessa realidade, um grupo de empresários do setor, concluiu que já que competíamos aqui no Brasil, porque não competir também no exterior. Um primeiro passo nessa direção, seria tornar nossa indústria de software conhecida, participando de feiras internacionais, o que nos permitiria ser visto pela imprensa internacional, e facilitaria ainda contatos com potenciais distribuidores e clientes. A ASSESPRO procurou então a FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos, a agência de fomento do governo brasileiro criada para apoiar iniciativas na área de ciências e tecnologia. A Associação solicitou à FINEP, o apoio para financiar o estande brasileiro na feira e o empréstimo de recursos às empresas que deles necessitassem para viabilizar sua participação.

Na época eu era o Diretor de Software da Associação, responsável por conduzir essas negociações, que resultaram na efetiva participação da FINEP. Coube as empresas expositoras, fazer a “localização” de seu software (traduzi-los para inglês, usando a terminologia adequada do setor), produzir seus materiais de divulgação e custear as despesas de viagem dos seus técnicos. O estande foi financiado pela FINEP através de um contrato de risco com as empresas que previa o retorno a Agência desse custo no caso de sucesso da empreitada.

Oito empresas expuseram seus produtos em Las Vegas nesse ano (1990):

EMPRESA	PRODUTO
Base Tecnologia S.A.	PC-CASE, Ferramenta CASE para apoio a Análise Estruturada de Sistemas
Digibras Consultoria e Sistemas Ltda.	W.DIR, Gerenciador de informações de relatório.

¹ - Professor IM/UFRJ, Analista de Tecnologia da Informação – NCE/UFRJ.

Microbase Desenvolvimento de Sistemas	VIRTUOS 386, Sistema operacional para ambiente Netbios de redes locais. Multitarefa e multiusuário.
Modulo Consultoria e Informática	Curió, Capoeira e Caopora, Softwares antivírus e compactador de dados.
SPA–Sistemas Planejamento e Analise	TOOL, Linguagem orientada para objetos. Destina-se ao desenvolvimento de programas aplicativos.
Tales Tecnologia de Sistemas	FORMAX 2.5, Gerador de formulários capaz de desenhar notas no vídeo, usa recursos gráficos para fotos e vídeos.
Task Sistemas de Computação	FORPRINT, Integra diferentes bancos de dados e gera relatórios.
Telesoft–Sistemas, Telemática e Automação	HYPERSOFT, permite produção de longos textos com janelas explicativas. Tem versão em inglês com informações turísticas sobre o Brasil com fotos e imagem.

A ASSESPRO produziu um catalogo para ser utilizado como matéria de divulgação durante a feira. (Figura 1)



Figura 1. Catalogo de produtos apresentado na COMDEX/Fall 90.[1]

B. O estande brasileiro

Ocupando uma área aproximada de 120 m², em retângulo, o estande apresentava um modulo central, cuja “testeira” exibia sua identificação: BRAZILIAN SOFTWARE. Nos quatro cantos e ao centro das laterais maiores, erigiram-se bases para suporte de um equipamento a ser utilizado por cada empresa, devidamente identificadas no próprio modulo. Cada empresa alocou dois profissionais fluentes em inglês para atender os visitantes. (Figura 2)



Figura 2. ASSESPRO-Presidente Sebastião Tavares e Diretor de Software Fabio Marinho.

Na área central do estande, foram instalados uma mesa de reuniões, e outros moveis para apoiar as reuniões com os clientes e imprensa. (Figura 3)



Figura 3. Área central do estande.

C. Preparativos para participação

Os preparativos foram de duas naturezas:

- Motivar e preparar os empresários para uma participação efetiva na COMDEX;
- Tomar todas as providências para que nossas empresas fossem notadas pela imprensa presente à feira.

Quanto à motivação e preparação dos nossos expositores, a ASSESPRO trouxe ao Brasil o consultor Dan Mapes,

presidente da Intersoft, empresa americana especializada no auxílio a exportação de software, conhecida por ajudar empresas alemãs, indianas, inglesas, francesas e australianas na conquista do mercado americano de software. Mapes passou uma mensagem otimista, no Seminário de Exportação de Software que ocorreu em 1990, e se mostrou convicto da qualidade e da competitividade dos produtos brasileiros. [2] Segundo Mapes “há várias maneiras de competir em pé de igualdade no mercado americano de software, inclusive por empresas brasileiras. O mercado local sedia uma base instalada de 40 milhões de micros PCs de 16 bits”. Na visão geral do mercado americano que passou aos empresários, Mapes enfatizou a importância do “Publisher”, nome dado ao editor de programas. É a peça fundamental para a entrada de produtos no mercado. Segundo Mapes, “hoje em dia há no mundo inteiro uma falta enorme de novidades em software, um produto que se torna rapidamente obsoleto. Por essa razão novas opções são procuradas no mundo inteiro por esses agentes”.

Citando a experiência da Intersoft no mercado mundial, Mapes justificou suas afirmações com base na constatação de que os PCs rodam um sistema operacional padrão, isso facilita a produção e o desenvolvimento de ferramentas e aplicativos. Além disso, mesmo as gigantes de software nos Estados Unidos montam pequenas equipes de criação para cada segmento de programas. Essa estrutura, segundo sua avaliação coloca em pé de igualdade as grandes companhias e as pequenas “software houses”. Mapes deu uma receita para quem quiser entrar no mercado americano com o pé direito: “deve-se começar desenvolvendo software para aplicações específicas”. Entre outras observações Mapes chamou a atenção para o futuro próximo. Enquanto a década de 80 foi marcada pelo desenvolvimento de software baseados em caracteres, a década seguinte demandará produtos que acrescentem voz e imagem prevê.

No período que antecedeu a viagem, a ASSESPRO através da sua diretoria de software manteve contato constante com a organização da feira para marcar entrevistas com a imprensa especializada, garantir que constaríamos de forma apropriada nos catálogos da feira entre outros esforços para obter o máximo de divulgação para nossas empresas.

D. Dados do relatório de participação[3]

Os números da Comdex /Fall’90, impressionaram. O evento atraiu mais de 300 mil produtores, revendedores e distribuidores de tudo o que se relaciona com informática. A feira teve cerca de 2000 estandes de mais de 100 países, nove pontos de exposição e 45 sessões de conferências.

A ASSESPRO avaliou a participação de outros países em estandes coletivos e constatou que todos contavam com o apoio de seus respectivos governos, foram identificados estandes da Bélgica, Canadá, Colômbia, (única presença da América do Sul, além do Brasil), Coreia do Sul, Dinamarca, França, Holanda, Hong Kong, Índia, Israel, e Singapura. Nossos expositores voltaram satisfeitos com os contatos realizados com possíveis distribuidores e clientes potenciais.

Os resultados da participação na COMDEX motivaram a ASSESPRO a procurar o governo brasileiro através do CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

Tecnológico, órgão subordinado ao Ministério de Ciências e Tecnologia, para relatar nossa experiência e solicitar apoio explícito para um programa que visasse tratar o software brasileiro como prioridade, em particular visando sua exportação. A iniciativa foi bem recebida. Fomos atendidos pelo Diretor de Programas Especiais do CNPq, Ivan Moura Campos.

E. Outra iniciativa – o CPqD

Posteriormente soubemos que naquela mesma época, O CPqD – Centro de Pesquisas da TELEBRAS, (empresa estatal brasileira à época responsável pelas telecomunicações no país), estava discutindo a questão do rumo a dar a sua equipe de desenvolvimento. Até aquele momento, os produtos desenvolvidos pelo CPqD como centrais de comutação, eram licitados para fabricação pela TELEBRAS para serem produzidos por empresas brasileiras e uma vez fabricados, eram automaticamente adquiridos para uso no sistema brasileiro de comunicações.

Com o fim iminente da política de reserva de mercado para produtos de informática que beneficiava os produtos desenvolvidos pelo CPqD, o centro discutia se naquele novo modelo de desenvolvimento e fabricação, os produtos do CPqD teriam competitividade para concorrer com produtos estrangeiros. Em uma reunião de planejamento estratégico do centro em 1990, ficou evidenciado que os produtos de telecomunicações sendo desenvolvidos lá, e que seriam repassados para fabricação pela indústria tinham um componente de software muito maior que de hardware, a tendência do setor no mundo todo. Eduardo Moreira da Costa, na época o Coordenador da Área de Desenvolvimento de Informática no CPqD sugeriu que um caminho a seguir, seria desenvolver produtos que viessem a ser exportados. No ano seguinte, os organizadores do X Seminário de Redes do Sistema TELEBRAS o convidaram a submeter um artigo sobre o tema. O artigo foi publicado com o título: Software e o mundo novo das Telecomunicações[4], ele conclui o artigo com a frase “software é o mundo novo das Telecomunicações”. Ele sugeria que o caminho para ser competitivo, era exportar software e propôs a criação de um programa nacional de software para exportação ao mesmo Ivan Moura Campos, diretor do CNPq e seu colega no departamento de informática da UFMG.

Naquele ano (1990/91), a PNI-Política Nacional de Informática, então vigente, baseada na lei 7.232/84, que criava uma série de incentivos a indústria genuinamente nacional, estava sendo desmontada[5]. Quando ela foi criada, os microcomputadores ainda não existiam. Ela previa a reserva do mercado brasileiro de minicomputadores para fabricantes autorizados, aqui instalados e comprometidos com um conjunto de regras voltadas para a pesquisa e desenvolvimento de produtos no país. Com o surgimento dos micros, essa PNI voltada para o mercado de mini computadores, foi simplesmente estendida pelos dirigentes da então criada SEI – Secretaria Especial de Informática, para incluir os microcomputadores, situação que não havia sido prevista ou discutida (micros não existiam quando a política vigente havia sido definida). Os micros por seu preço muito menor e por suas características atingiam mercados e aplicações diferentes

daquele de minicomputadores e computadores de grande porte, para o qual a PNI havia sido originalmente criada, gerando com o passar do tempo uma avalanche de críticas, voltadas a demora e outras dificuldades para importar tais equipamentos, o que culminou com o abandono da então vigente PNI, sem que outra fosse colocada em seu lugar.

F. A entrada do Governo

As iniciativas do governo para apoiar a indústria de software em seus esforços de exportação contribuíram para a criação de um ambicioso projeto denominado de Programa de Exportação de Software SOFTEX 2000, que embora não admitido oficialmente pela SEPIN – Secretaria de Política de Informática o órgão que sucedeu a SEI, seria a definição de uma nova PNI, agora com outras características, como consta do documento do CNPq citado abaixo:

Em 2 de fevereiro de 1993, o CNPq criou o programa Nacional de Software para Exportação – SOFTEX 2000 com o objetivo de dar uma contribuição decisiva para a mudança de foco da indústria brasileira de informática de[6]:

- De hardware para software;
- Do mercado doméstico para o mercado internacional;
- Da produção e distribuição em pequena escala para grande escala.

Nessa primeira fase, Eduardo Costa, agora designado coordenador do projeto SOFTEX 2000, sugeriu que os programas prioritários do governo na área de informática: a RNP – Rede Nacional de Pesquisas, o PROTEM-CC – Programa Temático Multi-institucional em Ciências da Computação e também o recém-criado SOFTEX 2000, solicitassem através do CNPq, o suporte financeiro do PNUD, o que de fato aconteceu. Posteriormente, o projeto SOFTEX 2000, foi apresentado pelo Brasil a TWNSO Third World Networks of Scientific Organizations como tendo a finalidade de posicionar o Brasil como um importante centro de excelência para produção e exportação de software. [6]

G. Participação em outros eventos

Ainda em 1993, o SOFTEX 2000, agora um programa oficial do governo brasileiro, participou oficialmente da COMDEX /Fall 93 em Las Vegas – USA, com um estande para 34 empresas brasileiras.

A estratégia de participar de feiras internacionais, iniciada pela ASSESPRO, foi seguida novamente em outros anos e em outras feiras. (Figuras 4, 5)

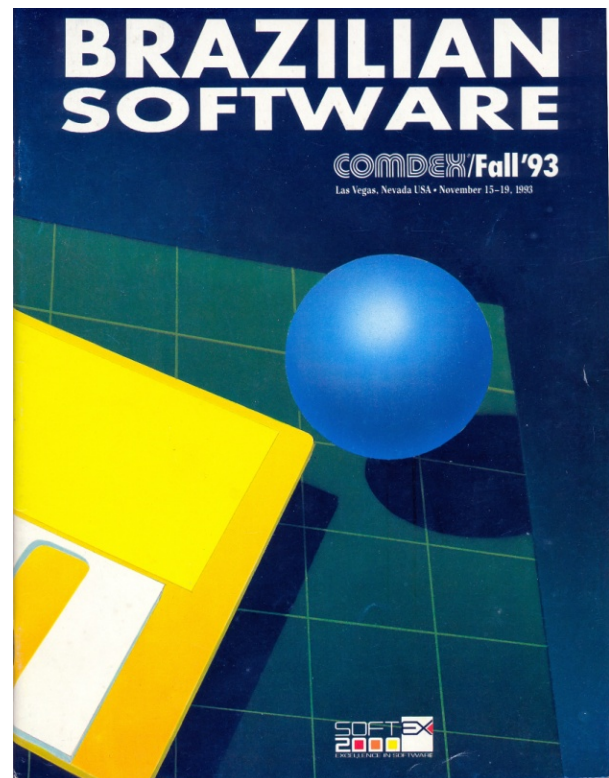


Figura 4. Catálogo de produtos apresentado na COMDEX/Fall 93 em Las Vegas.[7]

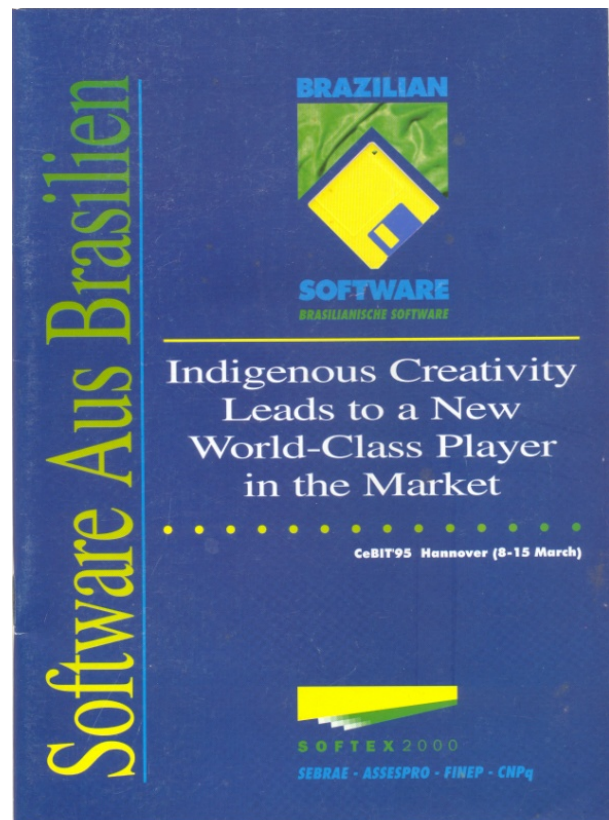


Figura 5. Catálogo de produtos apresentado na CeBit95 em Hanover.[8]

III. CONCLUSÃO

Três fatos foram determinantes para o surgimento do programa SOFTEX:

A existência de empresários que concorriam no mercado nacional em pé de igualdade com empresas estrangeiras e que haviam iniciado um movimento para exportação de seus produtos; a inquietação das equipes técnicas em empresas estatais cujos produtos tinham prioridade para aquisição pelo governo protegidos pela legislação em vigor e o fim da então vigente Política Nacional de Informática.

REFERÊNCIAS

- [1] BRAZILIAN Software. [s.l.]: ASSESPRO, 1990. 25 p. Catálogo editado para distribuição na COMDEX/Fall'90.
- [2] Notícias ASSESPRO, especial COMDEX Fall'90, Novembro de 1990.
- [3] Brazilian Software. [s. l.]: ASSESPRO, 1990. Relatório de participação na COMDEX/Fall'90.
- [4] E. M. COSTA, Software e o mundo novo das telecomunicações. In: X SIMPÓSIO BRASILEIRO DE TELECOMUNICAÇÕES. Brasília: SBRT, 1992.
- [5] J. F. MARINHO e Y. VIANNA, Software Technology in Brazil. American Programmer, Arlington, v. 6, n. 3, Mar. 1993.
- [6] Relatório 1997; SOFTEX - Sociedade Brasileira para Promoção da Exportação de Software.
- [7] BRAZILIAN Software. [s.l.]: ASSESPRO, 1993. Catálogo editado para distribuição na COMDEX/Fall'93.
- [8] BRAZILIAN Software: indigenous creativity leads to a new world-class player in the market. [s.l.]: ASSESPRO, 1995. 36 p. Catálogo editado para distribuição na CeBIT'95.